

## 7

### Considerações Finais

Os contrastes socioeconômicos da sociedade brasileira também se manifestam na desigualdade do acesso a bens, produtos, serviços, informações, meios de produção e espaços públicos de cultura. Em um quadro de restrições orçamentárias tanto do Estado como das famílias, a cultura, inúmeras vezes, é vista como algo secundário ou privilégio de poucos. Os espaços de cultura com todas as suas potencialidades, principalmente para os jovens, são momentos privilegiados de construção de relacionamentos sociais com múltiplas mediações, desde os mais orientados para a satisfação de necessidades pessoais até aqueles voltados para o estabelecimento de vínculos sociais.

A pesquisa *Informações Básicas Municipais* (IBGE, 2001) contribui para a compreensão de um dos fortes motivos para a baixa taxa de participação em atividades culturais de ocupação do tempo livre. Constatou-se que em 92% dos municípios brasileiros não existe um cinema; em 83% não há um museu; 81% não dispõem de teatros; 57% não contam com uma livraria e 21% não possuem bibliotecas públicas. Os dados sobre a distribuição dos equipamentos, segundo o tamanho do município, revelam que, quanto menor o município, menor também a existência de equipamentos culturais.

Da mesma forma, o levantamento de Coelho, com base em dados do Instituto Pereira Passos (2003), mostra o retrato da distribuição dos equipamentos culturais no município do Rio de Janeiro. Apesar de ser um dos mais importantes centros culturais do país, não conseguiu ainda dar acesso à cultura de maneira equânime para seus moradores. Museus, centros culturais, teatros, cinemas e bibliotecas estão, quase todos, no Centro, Zona Sul, Tijuca e Barra. Estes equipamentos de expressão da cultura cultivada estão concentrados nas áreas menos populosas da cidade, e mais providas de capital cultural, entre outros. Esta distribuição desigual coincide com o distanciamento sociocultural existente entre moradores da Zona Sul e os das Zonas Norte e Oeste.

Políticas culturais públicas devem ser capazes de atuar sobre essas condições desiguais, favorecendo a criação de situações materiais que possam aumentar as possibilidades de fruição do tempo livre, bem como democratizar o acesso a espaços, equipamentos, instituições e serviços de cultura.

Museus ou instituições culturais afins, expressões da cultura cultivada, estão presentes na experiência cultural dos jovens? Quais são as chances de acesso dos jovens às instituições museológicas? Quais são as condições socioculturais que promovem o acesso a estes locais? Estas questões nortearam os objetivos desta pesquisa de doutorado que procurou investigar o impacto de algumas características associadas aos jovens e a seu entorno, tanto familiar como escolar, nas chances de acesso a museus ou instituições culturais afins. Mais especificamente explorou o potencial explicativo dos capitais econômico, social e cultural no aumento ou diminuição destas chances, examinando os efeitos destes capitais e sua mobilização nos contextos familiar e escolar.

Uma das primeiras conclusões que podemos destacar é que os jovens brasileiros, residentes no município do Rio de Janeiro, visitam museus e têm acesso a eles por meio de suas famílias ou da escola na qual estudam.

Considerando as características associadas aos jovens e a seu entorno familiar – gênero e composição familiar –, no que se refere a gênero, verificamos que as chances de acesso a museus dos meninos são menores do que a das meninas. Os efeitos da variável gênero, provavelmente estão associados com situações de vida e processos sociais que reafirmam a inserção em expressões culturais distintas. Alguns exemplos podem ser destacados. Estudantes de 8ª série do sexo masculino têm maiores chances de repetir do que as alunas mulheres. Os resultados favoráveis às meninas podem estar relacionados com algumas dimensões específicas da cultura da escola fundamental: a valorização de modelos de aprendizagem que implicam comportamentos, como prestar atenção, cumprir com o dever de casa, permanecer sentado, encontrados com maior frequência entre as meninas. Nos museus, as exposições interativas são mais atraentes para meninos do que para meninas, uma vez que estas demonstram menos entusiasmo do que aqueles.

Arranjos familiares do tipo nuclear, nos quais os pais vivem juntos e concedem atenção especial às crianças e aos jovens, permitem não só o acompanhamento cotidiano da escolarização dos filhos, mas a criação de um ambiente de socialização mais denso, pela multiplicação de atividades extra-escolares e pelo desenvolvimento de estratégias de diferenciação cultural. Para jovens inseridos neste contexto, observamos que as chances de acesso a museus ou instituições culturais afins são maiores. Apuramos também que jovens inseridos em famílias monoparentais (mãe ou pai presente) têm chances de acesso a museus maiores que os inseridos em ar-

ranjos familiares sem os pais. Nesta perspectiva, uma mãe ou um pai separados conseguem, com esforço dobrado, dispensar atenção e proporcionar um ambiente dotado de condições que favoreça o acesso às instituições museológicas.

Uma das conclusões marcantes, do ponto de vista do contexto familiar, guarda estreita relação com a mobilização das redes de apoio social promovidas em seu interior, ou seja, capital social familiar – expresso no diálogo com os filhos sobre vários assuntos e nas interações durante as trocas cotidianas nos momentos das refeições e das atividades de lazer e entretenimento de dentro de casa. Isto confirma, os pressuposto de Coleman a respeito da importância da qualidade da rede intrafamiliar de capital social, especificamente da qualidade das relações que se estabelecem entre pais e filhos. Também os pressupostos de Bourdieu referentes ao conceito de capital cultural, enredado na malha familiar, na qual as conversações entre pais e filhos, notadamente aquelas sobre assuntos associados aos programas de televisão, filmes e livros, indicam uma preocupação dos pais com a transmissão da herança cultural, adensando as trocas simbólicas entre as duas gerações.

Desse modo, o capital social baseado na família somado ao capital cultural no estado incorporado (leitura nos jornais de matérias sobre assuntos sociocientíficos e prática cultural), institucionalizado (escolaridade familiar) e objetivado (disponibilidade de recursos educacionais/culturais) têm efeitos bastante significativos no aumento das chances de acesso dos jovens a museus ou instituições culturais afins.

Podemos dizer que os recursos culturais do contexto familiar (capital cultural) são muito mais importantes do que os econômicos (capital econômico) na promoção do acesso dos jovens às instituições museológicas. Constatamos, nas análises multivariadas, que as chances de acesso a museus não sofrem alterações em função da presença de capital econômico no meio familiar.

No que se refere à prática cultural relacionada à cultura cultivada: frequência à ópera/concerto de música clássica, balé/espetáculo de dança, teatro, cinema, livraria e biblioteca fora da escola, concluímos que jovens que possuem este tipo de prática acima da média apresentam chances bem maiores de acesso a expressões culturais como museus.

Do ponto de vista do contexto escolar, as desigualdades relacionadas à prática de visita se manifestam, notadamente, quando considerada a variável rede de ensino. O nível socioeconômico é condicionante que segmenta esta rede em duas partes: as unidades escolares de NSE baixo (rede municipal) e as de NSE alto (rede priva-

da). As escolas municipais visitam museus mais freqüentemente que as escolas particulares que possuem nível socioeconômico inferior ao NSE médio da rede privada, ainda que o nível socioeconômico destas escolas seja maior que o das escolas da rede municipal. Além disto, o quantitativo dos jovens das unidades municipais que afirmaram que visitaram o museu que mais gostaram *apenas com a escola* é bem maior do que o das unidades particulares. Podemos concluir que o capital social baseado na escola – ações, mobilizações, investimentos, trocas – contribui para o alargamento da experiência cultural dos jovens em geral e dos jovens pertencentes às escolas públicas em particular. Em outras palavras, as escolas municipais possuem um papel ativo e equalizador, particularmente relevante para os jovens cujas famílias têm menor volume de capital cultural.

Os resultados, especialmente o relativo ao fomento que a escola concede às visitas a instituições museológicas, reforçam a relevância de uma política mais ativa e mais efetiva de aprimoramento dos acervos, da preservação de coleções e dos programas educacionais de museus. Este tipo de política, certamente potencializa a promoção de equidade cultural, uma vez que as instituições escolares facilitam a aproximação dos jovens com os museus, considerados pela sociedade como uma das mais importantes expressões da cultura cultivada.